



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES**

**Gabriela Felipe Piazzon**

**TRADUZINDO O INVISÍVEL**

A (Im)possibilidade de Traduzir a Formalidade Coreana em *Parasita*.

**São Paulo**

**2025**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES**

**Gabriela Felipe Piazzon**

**TRADUZINDO O INVISÍVEL**

A (Im)possibilidade de Traduzir a Formalidade Coreana em *Parasita*.

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela graduanda Gabriela Felipe Piazzon, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de Bacharel em Letras-Tradução sob orientação da Profa. Dra. Elaine Alves Trindade.

**São Paulo**

**2025**

## RESUMO

Este trabalho analisa as dificuldades tradutórias da linguagem honorífica coreana na legendagem do filme *Parasita* (2019), examinando cenas-chave em coreano, inglês e português. A pesquisa evidencia como as sutilezas de formalidade afetam a percepção das relações sociais e de poder entre personagens, sendo frequentemente atenuadas ou perdidas nas traduções. Com base em análise comparativa e fundamentação teórica, propõem-se soluções mais eficazes para preservar os efeitos pragmáticos do original. Conclui-se que, embora complexa, a tradução dessas nuances é possível com maior atenção aos registros de fala e ao contexto sociocultural.

**Palavras chave:** tradução audiovisual; coreano; formalidade; legendagem; *Parasita*.

## ABSTRACT

This study analyzes the translational difficulties involved in rendering the Korean honorific speech system in the subtitles of the film *Parasite* (2019), through the examination of key scenes in Korean, English, and Portuguese. The study demonstrates how nuances of linguistic formality impact the audience's understanding of social hierarchies and power relations among characters, and how such subtleties are frequently diminished or lost in the English and Portuguese subtitles. Through comparative analysis and theoretical grounding, the research proposes alternative translations that more accurately convey the original pragmatic and sociolinguistic effects. It concludes that, despite the inherent challenges, it is possible to achieve greater fidelity to the source text's social nuances through careful attention to speech levels and cultural context.

**Keywords:** audiovisual translation; Korean honorific; speech levels; subtitling; *Parasite*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>7</b>
2.1 Funções Pragmáticas e Sociolinguísticas .....	8
2.2 Morfologia Honorífica.....	9
2.3 Registros de Fala .....	10
2.4 Transposição de Formalidade em Inglês e Português .....	12
2.4.1 Inglês e Português.....	13
2.4.2 Desafios Tradutórios .....	14
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
3.1 Coleta de material de estudo .....	17
3.3 Método de análise .....	17
3.4 Considerações Finais.....	18
<b>4 ANÁLISE COMPARATIVA DAS CENAS SELECIONADAS .....</b>	<b>19</b>
4.1 Trecho 1: Caixa de pizza .....	19
4.1.1 Dados da cena .....	19
4.1.2 Versões do trecho .....	19
4.1.3. Fundamentação teórica e análise sociolinguística .....	20
4.1.4. Análise da legenda em inglês .....	21
4.1.5. Análise da legenda em português .....	22
4.1.6. Propostas de retradução.....	22
4.2 Trecho 2: Presente .....	24
4.2.1 Dados da cena .....	24
4.2.2 Versões do trecho .....	24
4.2.3. Fundamentação teórica e análise sociolinguística .....	26
4.2.4. Análise da legenda em inglês .....	27
4.2.5. Análise da legenda em português .....	27
4.2.6. Propostas de retradução.....	28
4.3 Trecho 3: Segredo enterrado .....	31
4.3.1 Dados da cena .....	31
4.3.2 Versões do trecho .....	31
4.3.3. Fundamentação teórica e análise sociolinguística .....	32
4.3.4. Análise da legenda em inglês .....	33
4.3.5. Análise da legenda em português .....	33
4.3.6. Propostas de retradução.....	34
4.4 Trecho 4: Charlatões.....	35
4.4.1 Dados da cena .....	35
4.4.2 Versões do trecho .....	35
4.4.3. Fundamentação teórica e análise sociolinguística .....	36
4.4.4. Análise da legenda em inglês .....	36
4.4.5. Análise da legenda em português .....	37
4.4.6. Propostas de retradução.....	38
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>

**REFERÊNCIAS ..... 42**

## 1 INTRODUÇÃO

A tradução audiovisual é uma prática complexa que vai muito além da simples conversão de palavras entre línguas. Quando se trata de obras cinematográficas culturalmente marcadas, como o filme sul-coreano *Parasita* (2019), dirigido por Bong Joon-ho, os desafios se intensificam. Vencedor do Oscar de Melhor Filme e amplamente aclamado pela crítica internacional, *Parasita* é um retrato da desigualdade social na Coreia do Sul, recheado de nuances linguísticas, expressões idiomáticas e referências culturais específicas que dificultam uma transposição fiel para outros idiomas.

Traduzir esse filme para o inglês e o português exige mais do que domínio linguístico: demanda sensibilidade cultural, criatividade e decisões tradutórias estratégicas. Expressões populares coreanas, trocadilhos, níveis de formalidade e dinâmicas sociais implicam em escolhas que, por vezes, alteram o tom, a intenção ou mesmo o significado original das falas. Além disso, o tempo limitado das legendas e a necessidade de sincronização com o ritmo do filme impõem restrições técnicas adicionais.

Este trabalho se propõe a analisar as dificuldades e estratégias envolvidas na tradução de *Parasita* do coreano para o inglês e o português, discutindo os impactos dessas decisões na recepção da obra por diferentes públicos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão das estruturas que regem a língua e cultura coreana é indispensável para uma tradução audiovisual precisa e culturalmente sensível, especialmente em contextos de legendagem, nos quais mensagens de alta carga semântica devem coexistir com a coesão no seu espaço físico limitado. Logo, o entendimento do sistema de polidez na linguagem e cultura coreana devem ser consideradas integrais no ato de tradução.

Expressões de formalidade existem em todas as línguas e culturas, e são diferenciadas de acordo com estruturas linguísticas e variáveis culturais. De acordo com Sohn (1999) o uso da formalidade possui duas funções: a função normativa, regida por normas e regras sociais e a função estratégica, utilizada para atingir seus objetivos comunicativos em uma situação interativa. A polidez normativa é geralmente expressa por meio de formas linguísticas codificadas, como os honoríficos, enquanto a polidez estratégica se manifesta por estratégias de atenuação ou reforço da fala, como expressões fáticas, fórmulas conversacionais, atenuadores, atos de fala diretos ou indiretos.

Ao contrário de línguas ocidentais como o português e o inglês — cujas formas de polidez se concentram no uso de funções estratégicas, como formas indiretas, vocativos, expressões de cortesia ou atenuadores (Brown; Levinson, 1987) — o coreano fundamenta-se em um sistema gramatical composto por marcas de deferência honoríficas, dependentes diretamente da relação social entre o falante e o interlocutor. A polidez da linguagem coreana é integrada de forma sistemática, de modo em que é conhecida como uma linguagem honorífica (Sohn, 1999).

Relações interpessoais relativas são elaboradamente codificadas em diversas formas linguísticas, a ponto de atos de fala não poderem ser realizados sem levar em conta a noção de honoríficos. Frases não podem ser proferidas sem o conhecimento aproximado do falante sobre sua relação social com o destinatário e/ou referente em termos de faixa etária (adulto, adolescente ou criança), status social, parentesco e/ou pertencimento a um ou mais grupos. (Sohn, 1999, p 408)

Como destaca Kang (2011), a formalidade coreana vai além da cortesia: ele expressa, sinaliza e negocia as relações hierárquicas e afetivas entre os interlocutores, funcionando como marcador sociocultural. Mesmo sem ponto de referência, o falante pode avaliar rapidamente as variáveis sociais da situação comunicativa — idade, status, proximidade, contexto, antecipando as expectativas sociais e empregar formas honoríficas para manter o respeito (Sohn,1999). Esta “leitura do ambiente” ou “percepção contextual” é conhecida como *nunchi* (눈치), uma competência pragmática fundamental e incorporada no uso da linguagem cotidiana. Segundo Sohn (1999), a aplicação correta do *nunchi* permite ao falante ajustar-se fluentemente às expectativas sociais implícitas, evitando ofensas e demonstrando sensibilidade social. Ajustes na fala ocorrem conforme o diálogo progride, com o falante alterando gradualmente a formalidade para suavizar a comunicação ou afirmar hierarquias, numa dança pragmática que reflete a intersubjetividade da interação.

## 2.1 Funções Pragmáticas e Sociolinguísticas

Sohn (1999) destaca que a morfologia honorífica no coreano tem uma função metapragmática, isto é, ela não apenas realiza uma ação linguística, mas comenta implicitamente sobre a relação entre os interlocutores. Do ponto de vista sociolinguístico, a forma honorífica no coreano é um demonstrativo de relações de poder, que incluem variáveis como idade, parentesco, gênero, status social, posição ocupacional e levam em conta diferentes graus de intimidade e a formalidade da situação.

Sua aplicação desempenha funções pragmáticas complexas, implicando negociações delicadas entre as faces<sup>1</sup> social e individual dos interlocutores. Leech (1983) conceitua a cortesia como um princípio pragmático que regula a interação, equilibrando a imposição e a preservação da face. A partir da Teoria da Polidez (Brown; Levinson, 1987), observa-se que o uso de formas honoríficas no coreano

---

<sup>1</sup> Na pragmática, "face" se refere à auto imagem pública de uma pessoa — o senso emocional e social de si mesmo que cada indivíduo deseja manter na interação. É um conceito na teoria da polidez que nos ajuda a entender como e por que as pessoas evitam conflitos ou administram a harmonia social na comunicação. (Brown; Levinson, 1987)

serve tanto à preservação da "face negativa" (o desejo de autonomia) quanto à "face positiva" (o desejo de aprovação).

Essa dimensão metapragmática se manifesta, por exemplo, no uso de pronomes pessoais, termos de tratamento, formas honoríficas em situações públicas, como forma de demonstrar status, mesmo em relações privadas. Dessa forma, o sistema honorífico reforça estruturas hierárquicas e valores culturais (Sohn, 1999).

O uso do honorífico permite manipular relações sociais de forma estratégica, podendo ser empregado para indicar distanciamento ou submissão, mas também podendo ser usado ironicamente para aumentar tensão ou desafiar convenções sociais (Brown, 2015).

## 2.2 Morfologia Honorífica

A morfologia honorífica do coreano é altamente sistematizada e desempenha papel crucial na codificação da deferência social e da hierarquia interpessoal. Sohn (1999) classifica os mecanismos morfológicos honoríficos em cinco categorias principais: (1) pronomes, (2) termos de tratamento, (3) substantivos, predicados e partículas, (4) sufixos honoríficos, (5) polidez do discurso.

O primeiro mecanismo cita o uso de pronomes, que possuem mais de uma forma de polidez e são utilizadas de acordo com relação interpessoal dos interlocutores, além da situação social em que se encontram e a intenção pragmática do comunicador. Um exemplo é o pronome "eu", que possui sua forma polida "저" ("jeo") e sua forma causal "나" ("na").

O segundo mecanismo se refere aos títulos ou termos de familiaridade que são utilizados em preferência aos pronomes. Esses termos existem em todos os tipos de posições profissionais como "선생님" ("seonsaengnim") "professor", e em relações de familiaridade como "동생" ("dongsaeng") "irmão mais novo".

O terceiro mecanismo, ocorre por meio da substituição de palavras com formas honoríficas específicas, como “*진자*” (“*jinji*”, honorífico de "comida", em lugar de “*밥*”, “*bap*”) e “*연세*” (“*yonse*”, honorífico de "idade", em lugar de “*나이*”, “*nai*”). O verbo “*드시다*” (“*deusida*”, honorífico de “comer”) no lugar de “*먹다*” (“*meokta*”), e a partícula “*께*” (“*kke*”, honorífico de “para”) no lugar de “*에게*” (*ege*).

O quarto mecanismo, honorificação do sujeito, utiliza o sufixo verbal “*shi*” (“*shi*”) ou sua forma derivada “*ushi*”, (“*eushi*”), inserido antes do marcador de tempo e modo, como em “*가시다*” (“*kashida*”, "ir" de forma honorífica). Este marcador é obrigatório sempre que o falante deseja demonstrar deferência ao referente do sujeito, geralmente mais velho ou de status superior (Sohn, 1999).

Por fim, a polidez do discurso é realizada por meio da escolha entre diferentes terminações verbais, que variam segundo os níveis de formalidade. Sohn (1999) distingue seis níveis de fala: *hasipsio-che*, *hao-che*, *haeyo-che*, *hage-che*, *haera-che* e *hae-che*, que são empregados de acordo com o status social, proximidade relacional e contexto discursivo. A escolha apropriada da terminação não é apenas gramatical, mas profundamente pragmática, refletindo normas socioculturais de respeito, deferência e solidariedade.

### 2.3 Registros de Fala

O idioma coreano apresenta categorias de níveis de fala, organizadas conforme os níveis de formalidade, deferência e contexto situacional (Sohn, 1999). Como destaca Kang (2011), tais registros não são simples variações de estilo, mas sim mecanismos de negociação social, orientados por variáveis como idade, status, gênero, profissão e grau de intimidade. A escolha de um nível específico está

diretamente ligada ao conceito de *nunchi* (눈치) para avaliar contextos e responder adequadamente às expectativas relacionais.

Os principais níveis de fala são:

a) *Hasipsio-che* (하십시오체)

O *hasipsio-che* representa o nível mais elevado de formalidade e deferência na língua coreana, sendo utilizado em contextos cerimoniais, discursos públicos, atendimento a clientes, comunicação com superiores hierárquicos e interlocutores mais velhos. Do ponto de vista morfológico, caracteriza-se pela terminação verbal “습니다” (“*seumnida*”), que marca um alto grau de respeito e impessoalidade (Martin, 1993).

b) *Hao-che* (하오체)

O *hao-che* é um registro de formalidade intermediária que, embora em desuso na Coreia do Sul contemporânea, era tradicionalmente utilizado por oficiais públicos e entre homens em posições similares, com certo grau de respeito mútuo (Lee; Ramsey, 2001). Sua principal marca morfológica é a terminação verbal “오” (“*o*”), que confere um tom cerimonioso e, por vezes, arcaico. O *hao-che* está hoje restrito a gêneros textuais específicos, como novelas históricas, reportagens teatrais e filmes ambientados em períodos tradicionais, funcionando como marcador estilístico e temporal.

c) *Hage-che* (하게체)

O *hage-che* possui uma forma verbal em “게” (“*ge*”) e era empregado sobretudo por homens mais velhos dirigindo-se a subordinados em contextos de autoridade respeitosa, especialmente dentro da estrutura patriarcal tradicional. Lee e Ramsey (2001) descrevem esse registro como formal, porém menos usado atualmente, tendo se tornado estilisticamente marcado em gêneros literários ou dramatúrgicos. Segundo

Yoon (2025), seu uso contemporâneo pode indicar autoridade benevolente ou paternalismo, sendo pragmática e culturalmente denso.

d) *Haera-che* (해라체)

O *haera-che* é um registro também conhecido como “simples”, informal e íntimo, é usado comumente por adultos para se referir à crianças, entre amigos ou entre casais (Lee; Ramsey, 2001). Esse registro é utilizado predominantemente na escrita para audiências gerais, especialmente em reportagens jornalísticas, textos informativos e materiais acadêmicos. Nessa forma, é desprovida de carga afetiva explícita, se tornando ideal para comunicações centradas em fatos objetivos, como descrições ou análises. Sua marca verbal característica é a terminação “ㄷ” (“da”) (Lee; Ramsey, 2001).

e) *Haeyo-che* (해요체)

O *haeyo-che* corresponde ao registro polido-neutro da língua coreana contemporânea e é amplamente utilizado em interações sociais cotidianas entre adultos que não compartilham intimidade, como colegas de trabalho, vendedores e clientes, ou entre professores e alunos. Quando um coreano aborda um estrangeiro, por exemplo, esse é o estilo de polidez que usaria. (Martin, 1993). Morfologicamente, é marcado pela partícula verbal “요” (“yo”).

f) *Hae-che* (해체)

O *hae-che*, também conhecido como *banmal*, constitui o registro informal da língua coreana, utilizado entre pessoas que compartilham intimidade, como familiares, amigos ou entre interlocutores de hierarquia inferior à do falante (Martin, 1993). Essa forma não inclui marcadores honoríficos, sendo portanto interpretada como sinal de igualdade ou, em certos contextos, de descortesia.

Por ser utilizado exclusivamente em contextos de intimidade consolidada ou relações assimétricas nas quais o falante ocupa posição de superioridade — como pais falando com filhos, professores com alunos jovens ou seniores com juniores

(Sohn, 1999), Brown (2011) observa que o uso inapropriado do *hae-che* é percebido como violação das normas de etiqueta linguística e, portanto, pode constituir um ato de afronta, particularmente entre estranhos ou em contextos formais. Esse registro está frequentemente associado a mudanças no tom dramático de obras audiovisuais, marcando conflitos, desprezo ou reconfigurações de poder entre os personagens.

## **2.4 Transposição de Formalidade em Inglês e Português**

A tradução da formalidade coreana para línguas que não codificam sistematicamente as relações hierárquicas na sua formação, como o inglês e o português brasileiro, constitui um dos desafios mais significativos no campo da tradução audiovisual. Como apontado por Nida (1964), é fundamental que a equivalência tradutória vá além da correspondência literal, adotando uma equivalência dinâmica, ou seja, uma reconstrução do efeito comunicativo no público-alvo, mesmo que isso implique alterações estruturais substanciais.

### *2.4.1 Inglês e Português*

A expressão da polidez e da formalidade tanto no inglês quanto no português brasileiro não se dá por meio de sistemas morfológicos gramaticalizados, como ocorre em línguas com honoríficos, mas por meio de estratégias pragmáticas, estilísticas e discursivas, que operam fundamentalmente na gestão da face e na mitigação de atos potencialmente ameaçadores dentro da interação. Em ambas as línguas, a polidez se constrói prioritariamente por meio de escolhas que ajustam o grau de diretividade, manipulação do ponto de vista, uso de atenuadores sintáticos e discursivos, além da inserção de desculpas e de marcadores que suavizam o impacto dos atos ilocutivos, como demonstram Blum-Kulka (1989), Fraser (1996) e Brown e Levinson (1987).

É indispensável para esse funcionamento a relação direta entre o grau de diretividade do enunciado e o potencial de ameaça à face do interlocutor. Quanto mais direto é o ato de fala, maior seu risco, razão pela qual tanto falantes de inglês quanto de português recorrem a estruturas mitigadas, indiretas ou formuladas condicionalmente, especialmente em contextos que exigem maior deferência, distância social ou manutenção de hierarquias (Brown; Levinson, 1987). A escala

proposta por Blum-Kulka e Olshtain (1984) demonstra claramente esse fenômeno, evidenciando como enunciados podem variar desde atos performativos diretos (“*I’m asking you to park the car here*”) até formulações altamente mitigadas, como aquelas baseadas em condições preparatórias (“*Could you clear up the kitchen, please?*”) ou em sugestões menos impositivas (“Será que você poderia fazer isso?”).

Essas estratégias incluem, ainda, o uso sistemático de *downgraders* e *pragmatic markers* — como *just*, *perhaps*, *a bit* no inglês, e expressões equivalentes no português, tais como “eu acho que talvez”, “poderia ser que”, “se não for pedir muito” — que funcionam como suavizadores semânticos e sintáticos, reduzindo a força perlocutória do ato de fala (Fraser, 1996). A inclusão de desculpas antecipadas (“*Pardon me for interrupting*” ou “Desculpe incomodar”) e de adjuntos de cortesia (“*If you don’t mind*”, “*If it’s not too much trouble*” ou “Caso seja possível”) também atuam diretamente na construção de um enunciado percebido como mais polido, menos impositivo e, portanto, socialmente mais aceitável.

De forma semelhante nas duas línguas, a polidez não depende de regras fixas da gramática, mas sim de estratégias pragmáticas que surgem da própria dinâmica da conversa e da forma como os turnos são organizados na interação. A escolha por interrogativas indiretas em substituição a imperativos diretos — como “*Could you sign here?*” ou “Será que você poderia assinar aqui?” — evidencia essa preferência estrutural pela mitigação, que prioriza a proteção da face tanto do falante quanto do ouvinte, como reforçam Blum-Kulka (1989), Fraser (1996) e Marcotulio e Souza (2007).

Adicionalmente, elementos avaliativos, elogios, manifestações de aprovação ou até certos atos de provocação, quando inseridos adequadamente no espaço interacional, operam como estratégias de construção e manutenção da face positiva, reforçando laços de afinidade, solidariedade e respeito mútuo. Esse funcionamento confirma que, tanto no inglês quanto no português, a polidez não decorre de um sistema linguístico rigidamente codificado, mas de um conjunto de práticas interacionais que mobilizam recursos discursivos, sintáticos e semânticos para gerir a face, alinhar expectativas e regular relações sociais de acordo com o contexto (Blum-Kulka, 1989; Fraser, 1996; Brown; Levinson, 1987; Marcotulio; Souza, 2007).

### *2.4.2 Desafios Tradutórios*

A tradução do coreano para o português brasileiro e para o inglês apresenta desafios que ultrapassam a correspondência lexical, exigindo do tradutor uma abordagem sensível às camadas pragmáticas complexas, sociolinguísticas e culturais impulsionadas pelas formas de polidez e hierarquia. No caso do idioma coreano, a presença de um sistema morfossintático honorífico (Sohn, 1999; Brown, 2011) torna o discurso intrinsecamente marcado por relações sociais assimétricas que podem ser notados no ato da fala, exigindo que o tradutor identifique não apenas os sentidos literais, mas também os posicionamentos enunciativos e os contextos relacionais que podem levar a uma interpretação mais profunda da cena.

No português e no inglês, a deferência é realizada por estratégias pragmáticas menos codificadas e mais contextualmente dependentes, como o uso de estruturas mitigadas, marcadores de atenuação (Favero, 1996), construções perifrásticas e escolhas lexicais indiretas (Brown & Levinson, 1987; Blum-Kulka, 1987). Isso implica, como enfatiza Hatim e Mason (2005), uma dificuldade inerente de equivalência estrutural, tanto no inglês quanto no português, que obriga o tradutor a empregar estratégias compensatórias de natureza discursiva, muitas vezes valendo-se da equivalência dinâmica proposta por Nida (1964), para manter os efeitos pragmáticos e os níveis de formalidade originais.

Sob a perspectiva da Teoria do Skopos (Vermeer, 2012), esses desafios são reconfigurados como decisões funcionais que o tradutor toma de acordo com os objetivos do texto-alvo, sendo a transferência do contexto de respeito, distância ou submissão um dos principais fatores decisórios na tradução audiovisual. Nesse contexto, as marcas de polidez coreanas não devem ser traduzidas apenas como itens linguísticos, mas como atos de posicionamento social que constroem relações de poder, deferência e identidade — elementos que precisam ser ressignificados na cultura de chegada. A teoria da polidez, especialmente nos moldes de Brown e Levinson (1987), combinada às contribuições de Leech (1983) e Blum-Kulka e Olshtain (1984), permite compreender como essas estratégias operam de maneira intercultural, ainda que suas manifestações variem amplamente. No entanto, como

observa Venuti (1995), o risco de domesticação excessiva — em que os traços de alteridade são apagados em nome da fluência — pode levar à neutralização da função relacional do discurso original. Por isso, o tradutor precisa atuar como um mediador discursivo e cultural (Pym, 2023), consciente de que a cortesia e a deferência são construções discursivas que carregam valores socioculturais e que, portanto, devem ser analisadas em conjunto do seu conteúdo, como propõe Favero (2015).

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as dificuldades tradutórias relacionadas à formalidade da língua coreana na legendagem do filme *Parasita* (2019) e como essas nuances são transferidas para os idiomas de chegada, inglês e português. Para tal foram selecionados quatro trechos do filme que obedeceram a três critérios principais: presença explícita de marcas de formalidade ou informalidade; representações claras de hierarquia social entre os interlocutores; e relevância dessas interações para a compreensão narrativa e temática da obra.

#### **3.1 Coleta de material de estudo**

Os dados foram coletados por meio da transcrição dos trechos selecionados nas três versões: coreano, inglês e português, disponíveis em plataformas de *streaming*. As legendas em português foram obtidas diretamente da plataforma de *streaming* Amazon Prime, enquanto a versão em inglês foi acessada via Netflix, com auxílio de um contato residente na Inglaterra. A transcrição do áudio em coreano foi realizada por meio da escuta atenta das falas, seguida por uma revisão por um nativo da língua.

#### **3.2 Pesquisa bibliográfica**

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para embasar teoricamente a análise. Entre os autores consultados, destacam-se: Nida (1964), com os conceitos de equivalência formal e dinâmica; Vermeer (2012), com a teoria funcionalista da tradução e a Teoria do Skopos; e Venuti (1995), com a oposição entre domesticação e estrangeirização. Blum-Kulka (1987), Brown e Levinson (1987) foram consultados para fundamentar a discussão sobre formalidade linguística e sociolinguística. Por fim, o conhecimento teórico sobre a linguagem coreana presente nesta pesquisa baseia-se largamente nas obras de Sohn (1999), Martin (1993) e Lee e Ramsey (2001).

### 3.3 Método de análise

A análise dos trechos selecionados foi realizada de maneira comparativa, focando nas versões coreana, inglesa e portuguesa. Cada diálogo foi examinado em termos de:

- a) Análise do texto original em contexto: Avaliou-se o uso de diferentes níveis de formalidade e a presença ou ausência de honoríficos, assim como escolhas lexicais, considerando suas implicações pragmáticas e socioculturais no contexto da narrativa e seus interlocutores.
- b) Análise das traduções: Foi analisado como as nuances de formalidade e as relações de poder representadas nas falas foram traduzidas ou, em alguns casos, perdidas nas legendas em inglês e português.
- c) Propostas de Retradução: Com base nas análises, foram formuladas sugestões de retradução que buscassem preservar as funções pragmáticas e a carga cultural das falas originais, respeitando as particularidades de cada língua.

### 3.4 Considerações Finais

É importante ressaltar que a pesquisa enfrenta algumas limitações, como a subjetividade na interpretação das nuances de formalidade e a variação nas traduções disponíveis nas plataformas de *streaming*. Além disso, o estudo se concentra em um número limitado de cenas, o que pode não representar a totalidade da complexidade linguística presente no filme.

A metodologia adotada visa proporcionar uma compreensão abrangente das dificuldades tradutórias enfrentadas na legendagem de *Parasita*, destacando a importância de uma abordagem que considere as especificidades culturais e linguísticas do coreano. Através da análise comparativa, busca-se contribuir para a discussão sobre a tradução audiovisual e a preservação de relações de poder e formalidade em contextos interculturais.

## 4 ANÁLISE COMPARATIVA DAS CENAS SELECIONADAS

### 4.1 Trecho 1: Caixa de pizza

#### 4.1.1 Dados da cena

Tempo: 00:04:16–00:04:44

Local: Exterior da casa da família Kim.

Interlocutores: Mãe (funcionária) e Dona (proprietária da pizzaria)

Situação: A dona da pizzaria, que anteriormente contratou a família Kim para o serviço de dobrar caixas de pizza, vai até a residência dos Kim para confrontá-los. Ela expressa sua insatisfação com o trabalho e revela que fará um desconto no valor do pagamento combinado.

#### 4.1.2 Versões do trecho

Coreano (transcrição):

(1) *엄마: 그래서 정말 돈 십 프로 떼고 주겠다는 거예요. 지금?*

(2) *사장님: 아니 불량률에 비하면 패널티 적은 거지 안 그래요?*

(3) *엄마: 아, 이거 인건비 얼마나 한다고. 아, 너무 한 거 아니에요?*

(4) *사장님: 아 이봐요. 이게 그렇게 간단한 문제가 아니야? 이런 불량  
박스 하나하나가 얼마나 큰 데미지를 주는지 알아요? 우리 브랜드  
이미지에?*

(5) *엄마: 브랜드... 박수 잡을 사람도 하나 없는 것들이, 어이씨!*

(6) *사장님: 뭐라고?*

Inglês (Netflix Londres):

(1) *Mom: So you're really docking 10% off our pay?*

- (2) *Pizza shop owner: Considering the rejects, that's a low penalty, isn't it?*
- (3) *Mom: Our pay is so low already! How can you do this?*
- (4) *Pizza shop owner: Look here. This is not some minor issue. You know what one shitty box can do to our brand image?*
- (5) *Mom: Brand? You can't even afford a box folder!*
- (6) *Pizza shop owner: What did you say?*

Português (Amazon Prime BR):

- (1) Mãe: Vai mesmo descontar 10% do nosso pagamento?
- (2) Dona: Considerando as rejeitadas, até que é pouco, não é?
- (3) Mãe: Já ganhamos pouco! Como pode fazer isso?
- (4) Dona: Olha. Não é um problema pequeno. Sabe o que uma caixa mal feita pode fazer com nossa marca?
- (5) Mãe: Marca? Não podem nem pagar um dobrador de caixas.
- (6) Dona: Como é?

#### 4.1.3. *Fundamentação teórica e análise sociolinguística*

O diálogo apresenta uma situação de desentendimento profissional entre a empregadora, dona da pizzaria, e a contratada, mãe da família Kim. O contraste social entre as personagens e suas hierarquias profissionais adicionam uma expectativa de manter uma polidez normativa durante o diálogo. Os primeiros trechos de diálogo (1) (2) (3), apresentam uma discordância entre as personagens, porém nota-se uma tentativa de manter certo nível de respeito, ainda que com indignação. Nos trechos, a polidez normativa prevalece, ambas personagens empregam o *haeyo-che*, um nível de linguagem considerado polido, porém não honorífico, adequado para interações formais casuais (Martin, 1993).

No trecho de diálogo (4), a dona do restaurante utiliza a expressão "*이봐요*" ("olha aqui", "*ibwayo*"), que apesar de empregar *haeyo-che*, pragmaticamente é uma frase direta imperativa, que implica a subjugação do interlocutor. Em seguida, há uma desistência total do uso de linguagem polida e do *haeyo-che*, fazendo a troca

inesperada para o *banmal*, que não apenas indica uma ruptura drástica nas normas de polidez da língua coreana, mas é interpretado como forma de afronta e desrespeito máximo.

A mãe responde replicando o uso impolido do *banmal* (5), que por ser usado ao se referir a uma figura de posição elevada na relação de patrão/funcionário que se encontram, faz dessa uma escolha ousada e chocante. *Banmal* utilizado para se direcionar a uma figura de poder como um professor ou chefe é considerado a maior forma de desrespeito e afronta à autoridade. A frase “박수 잡을 사람도 하나 없는 것들이, 어/씨!” além de descartar registros de polidez, possui teor abrupto e desdenhoso, fazendo uso da partícula pejorativa “것들” (“*geotdeul*”, forma depreciativa de “pessoas”), cuja tradução literal seria algo como “nem uma pessoa decente para dobrar caixas, seus...”. E inclui a interjeição “어/씨!” (“*eoishi*”), um marcador vulgar de frustração.

A dona da pizzaria responde com “뭐라고?” (“*mworago*”) uma expressão impolida que se traduz como “O quê você disse?” (6), com uma conotação altamente confrontacional.

#### 4.1.4. Análise da legenda em inglês

Nos trechos iniciais do diálogo (linhas 1 a 3), apesar da tradução lexical ser equivalente, há a ausência de marcadores explícitos de polidez, não há, então conhecimento de que mesmo em contextos de conflito, frequentemente mantêm camadas sutis de formalidade ou estratégias de atenuação entre a dona da pizzaria e mãe da família Kim. Na frase (3) “아, 너무 한 거 아니에요?”, a tradução literal se aproxima de “*Isn't that too much?*”, porém a escolha de “*How can you do this?*” se encaixa no contexto de tentativa de súplica e simpatia pela parte da mãe.

Na linha (4), a escolha de “*Look here*”, apesar de ser um equivalente gramatical do original “*아/봐요*” (“*ibwayo*”), carece da profundidade pragmática que marcaria uma mudança significativa na hierarquia discursiva entre os interlocutores. A expressão “*You know what one shitty box can do to our brand image?*” evidencia outro aspecto da transposição interlinguística: o uso da vulgaridade no lugar de honoríficos para sinalizar desrespeito. Embora tal escolha possa cumprir uma função de equivalência funcional (Nida, 1964), há uma perda de nuances quanto à estratificação de registros. Remove o impacto do contraste no uso de modos formais/informais da linguagem coreana.

Na linha (5), observa-se um tom de ironia por meio da escolha lexical, o que pode ser interpretado como uma tentativa de manter o efeito original. Ainda assim, essa ironia permanece mais sutil do que no original coreano, no qual a afronta à hierarquia é marcada com maior clareza por mudanças nos níveis de polidez e usos de vulgaridades.

#### 4.1.5. Análise da legenda em português

No trecho 1 a 3, observa-se a mesma falta de formalidade sutil presente no texto original. A conversa se mantém contida e neutra em relação à formalidade. A adaptação de “*아, 너무 한 거 아니에요?*” (“Isso não é demais?”) para “Como pode fazer isso?” É aceitável. Conforme Nida (1964), é essencial transpassar a equivalência tradutória em busca de alcançar uma equivalência contextual e cultural.

O vocativo “*아/봐요*” (“*ibwayo*”) (4) no original coreano é especialmente significativo por indicar uma quebra abrupta da formalidade presente até o momento. A tradução brasileira opta por “Olha”, o que atenua a força do termo original, reduzindo seu valor impositivo e sua carga de insulto contextual. O restante do trecho não indica nenhuma mudança no registro de formalidade, que está presente no uso do *banmal*. Do mesmo modo, o motivo do choque e da indignação entre interlocutores e a vulgaridade crescente expressa na discussão desaparece perante a tradução.

No trecho (5), tradução falha em transmitir o teor abrupto e desdenhoso da formulação original, que faz uso da partícula pejorativa “것들” (forma depreciativa de “pessoas”), utiliza o *banmal* com uma figura de superioridade hierárquica e, por fim, usa a interjeição final “오/오/씨!” (*eoishi*), que foi completamente suprimida na versão brasileira, o que elimina a força pragmática e a violência verbal do original.

#### 4.1.6. Propostas de retradução

##### a) Inglês

*“Mom: Miss, you’re really docking 10% off our pay?”*

A adição de “miss” indica a presença de formalidade casual.

*“Owner: Considering the rejects, that’s a low penalty, isn’t it?”*

Mantém a tradução original.

*“Mom: Our pay is so low already! Isn’t it too much?”*

A frase “Isn’t it too much?” lexicalmente se aproxima mais da frase original e mantém a interrogação, buscando aceitação pela parte da interlocutora, ainda de forma respeitosa.

*“Owner: Look here. This isn’t a fucking minor issue. You know what one shitty box can do to our brand image?”*

A substituição de “This is not some minor issue” com “This isn’t a fucking minor issue” busca dar evidência a troca de registro da formalidade polida para a impolida.

*“Mom: Brand? You don’t even have a fucking box folder!”*

O uso do palavrão e a linguagem direta apresentam a troca abrupta de polidez no diálogo.

*“Owner: What did you just say?”*

A adição de “just” traz um indicativo de revolta repentina ao desacreditar do que acabou de ouvir,

b) Português

“Mãe: A senhora vai mesmo descontar 10% do nosso pagamento?”

O vocativo “senhora” para tratar a dona da pizzaria, ainda que a mãe seja a mais velha, demonstra submissão e aceitação ao pertencimento a uma situação social inferiorizada.

“Dona: Considerando as rejeitadas, até que é pouco, não é?”

Mantém a tradução original.

“Mãe: Mas esse trabalho mal paga! Não acha injusto?”

A frase toma uma forma menos direta, mantendo o tom de indignação, sem parecer grosseira.

“Dona: Escuta. Não é qualquer coisinha. Sabe o que essas porcarias de caixas podem fazer com a marca?”

O uso de "escuta" é mais agressivo e assertivo que “olha”, demonstrando o início da exaltação no diálogo. “Qualquer coisinha” entra na linguagem informal do português, mais apropriado ao retratar o *banmal*. “Essas porcarias” insultam o trabalho da mãe e marca desprezo na fala.

“Mãe: Marca? Vocês nem tem a porra de um dobrador de caixas!”

O uso do palavrão evidencia a forma agressiva e rude que a resposta foi dada.

“Dona: Como é que é?”

Demonstra sarcasmo e alta indignação na fala, se aproximando mais da sensação causada no diálogo original.

## 4.2 Trecho 2: Presente

### 4.2.1 Dados da cena

Tempo: 00:06:49–00:07:21

Local: sala de estar dos Kim

Personagens: Min-hyeok, Pai, Ki-woo, Ki-jung

Situação: Min, amigo próximo da família Kim, chega na casa deles durante o jantar, sem ter sido convidado, para dar um presente ao Ki-woo e ao seu pai.

#### 4.2.2 Versões do trecho

Coreano (transcrição):

- 1) 민: 안녕하세요
- 2) 아빠: 어, 민혁이왔구나?
- 3) 기우: 야, 뭐야 너?
- 4) 민: 아버지 안녕하세요
- 5) 아빠: 어, 들어와
- 6) 기우:야, 니가 여기 웬일이야?
- 7) 민: 문자 보냈잖아. 못 봤어?
- 8) 기우:어
- 9) 민:어, 죄송합니다. 식사 중에.
- 10) 아빠: 아니야. 밥 먹는 거 아니야.
- 11) 민:기정이 잘 지냈어?
- 12) 기정: 어 오빠.
- 13) 기우: 야, 밖에서 보자고 그랬지, 월 집까지 찾아왔어.
- 14) 민:아 이것 때문에, 이게 너 즐라고 이게 워낙 무거운 거라
- 15) 아빠:아 그래?
- 16) 기정: 와 뭐야 이게?
- 17) 민:기우 만나러 간다고 하니까 저희 할아버지께서 이걸 꼭 갖다 주라고 하셔가지고.

## Inglês (Netflix Londres):

- 1) *Min: Hello!*
- 2) *Dad: Oh, hi, Min.*
- 3) *Ki-woo: Min!*
- 4) *Min: Are you well, sir?*
- 5) *Dad: Sure*
- 6) *Ki-woo: What are you doing here?*
- 7) *Min: I texted you. Didn't you see? Sorry, were you eating?*
- 8) *Dad: No, we weren't eating*
- 9) *Min: How are you, Ki-jung?*
- 10) *Ki-jung: Fine. And you?*
- 11) *Ki-woo: We could've met outside. Why come here?*
- 12) *Min: Because of this. It's for you, but it's so heavy.*
- 13) *Dad: Really? Put it down here.*
- 14) *Ki-jung: Wow, What's that?*
- 15) *Min: When I said I was meeting Ki-woo, my grandfather insisted I bring this.*

## Português (Amazon Prime BR):

- 1) Min: Olá!
- 2) Pai: E aí, Min?
- 3) Ki-woo: Min!
- 4) Min: Tudo bem, senhor?
- 5) Pai: Claro.
- 6) Ki-woo: O que faz aqui?
- 7) Min: Eu mandei mensagem. Não viu? Desculpe, estavam comendo?
- 8) Pai: Não, não é nada.
- 9) Min: Como vai, Ki-jung?
- 10) Ki-jung: Bem, e você?
- 11) Ki-woo: Podíamos ter conversado lá fora, por que veio aqui?
- 12) Min: Por causa disso. É para você, mas está muito pesado.
- 13) Dad: Sério? Coloque aqui.
- 14) Ki-jung: Nossa, o que é?

15) Min: Quando eu disse que iria ver o Ki-woo, meu avô insistiu que eu trouxesse isso.

#### 4.2.3. *Fundamentação teórica e análise sociolinguística*

A cena em questão demonstra diferentes relações sociais por meio de variações nos registros de linguagem utilizados entre os membros da família Kim e Min-hyeok. O jovem visitante se dirige ao Pai com honoríficos formais típicos do registros *haeyo-che* e *hasipsio-che*, observados em (1), (4) e (9) especialmente visíveis nas expressões como “안녕하세요” (“*annyeonghaseyo*”) e “죄송합니다” (“*joesonghamnida*”), marcadas por nível alto de deferência (Sohn, 1999).

Quando conversam entre si, Min-Hyeok, Ki-jung e Ki-woo empregam o *banmal* (3), (6), (7), (8), (11), (12), (13), (14), (16), abandonando o uso de honoríficos. Essa forma de registro de fala é aceitável apenas em relações de intimidade próximas, cujas normas hierárquicas são renunciadas em favor de uma relação entre iguais (Sohn, 1999). O fato de que Ki-woo, Ki-Jung e Min-hyeok utilizam apenas *banmal* entre si implica que possuem uma relação de amizade próxima, além de serem da mesma faixa etária.

O diálogo também expõe a indexicalidade social da linguagem (Brown, 2015), pois a escolha de Min por formas altamente polidas sinaliza sua posição socioeconômica mais elevada e sua distância social frente à família Kim. É importante notar também o uso do vocativo “오빠” (“*oppa*”) por Ki-jung (12) para se referir a Min-hyeok, que denota não apenas proximidade relacional, mas também um marcador de gênero e hierarquia intragrupal (Hong, 2009).

Por fim, a referência ao avô no registro *hasipsio-che* com sufixo honorífico “*shi*” enfatiza a forte carga sociocultural dos marcadores de polidez na língua coreana, reforçando a estratificação social no discurso, ainda que ele não esteja presente na cena (Yoon, 2025).

Vale destacar que, devido aos limites de duração e dimensão das legendas em plataformas de *streaming*, algumas frases de diálogos presentes no filme foram

omitidas ou reduzidas em suas legendas. Essas reduções ocorrem nos trechos (3), (5), (8).

#### 4.2.4. Análise da legenda em inglês

A versão em inglês interfere em como Min-Hyeok é apresentado e interpretado como personagem. Fica implícito nos registros de linguagem e termos de tratamento da versão coreana que Min-Hyeok é considerado um ente próximo da família Kim. Ao mesmo tempo, o personagem tende a empregar o uso de linguagem polida quando se refere aos mais velhos, o que destaca a sua educação superior em relação aos outros membros da família. Essas nuances são perdidas ao serem transportadas para o inglês. Não é possível perceber diferenças quando Min-Hyeok se refere ao pai Kim, a Ki-Jung ou Ki-Woo.

A fala “안녕하세요, 아버지/” (“*annyeonghaseyo, aboji*”, “olá, pai”) usa o vocativo respeitoso para “pai” (“*aboji*”) e expressa uma saudação formal indicando respeito familiar (Sohn, 1999). No inglês, a tradução “*Are you well, sir?*” tenta manter essa marca de polidez formal por meio do vocativo “*sir*”, porém perde o termo de tratamento familiar que o original emprega.

O uso de “오빠/” (“*oppa*”) por Ki-jung, cuja tradução literal “irmão mais velho” é omitido nas legendas e prejudica a transmissão da dinâmica social entre os interlocutores (Hong, 2009).

#### 4.2.5. Análise da legenda em português

As relações interpessoais e posições formais e sócio econômicas implícitas no diálogo original coreano é neutralizada no português assim como ocorre no inglês. No português, a tradução de “*annyeonghaseyo*” por “Olá!” (1) reduz a formalidade da expressão coreana. Assim como no inglês, os vocativos “아버지/” (“pai”) (4) é traduzido como “senhor” consegue manter a formalidade da palavra, mas perde a função de

tratamento familiar e “오빠” (“irmão”) (12) é omitido completamente, refletindo a hierarquia social, embora, assim como no inglês, termos foram retirados, representando perda pragmática (Sohn, 1999).

#### 4.2.6. Propostas de retradução

a) Inglês:

“Min: *Hello!*”

Mantém a tradução original.

“Dad: *Oh, hi, Min.*”

Mantém a tradução original.

“Ki-woo: *You’re here?*”

Expressa a reação confusa de Ki-woo ao ver Min.

“Min: *Hello, sir.*”

Preferência de traduzir “안녕하세요” para “hello” baseada na resposta do pai.

“Dad: *Come in, Min.*”

Tradução literal, mais fiel ao original.

“Ki-woo: *What are you even doing here?*”

Mudanças feitas com o objetivo de tornar a frase mais coloquial ao seguir o estilo *banmal* amigável.

“Min: *I texted you. Didn’t you see? Sorry, were you eating?*”

Mantém a tradução original.

“Dad: *No, we weren’t eating.*”

Mantém a tradução original.

“Min: Ki-jung, *are you ok?*”

Demonstra a informalidade presente na fala ao usar o *banmal*.

“Ki-jung: *Yeah.*”

Mantém a falta de questionamento sobre a outra parte do coreano, demonstrando informalidade e proximidade entre os dois em não precisar seguir as normas de polidez ao devolver a pergunta.

“Ki-woo: *I told you to meet me outside. Why come here?*”

Mantém a informalidade.

“Min: *Because of this. It's for you, but it's so heavy.*”

Mantém a tradução original.

“Dad: *Really? Put it down here.*”

Mantém a tradução original.

“Ki-jung: *Wow, What's that?*”

Mantém a tradução original.

“Min: *When I said I was meeting Ki-woo, my grandfather insisted I bring this.*”

Mantém a tradução original.

b) Português:

“Min: Boa tarde!”

Indica formalidade e respeito.

“Pai: E aí, Min?”

Mantém a tradução original.

“Ki-woo: É você?”

Demonstra informalidade e aproximação entre os dois, aproximando-se da versão original coreana.

“Min: Tudo bem, senhor?”

Mantém a tradução.

“Pai: Entre, Min.”

Mantém a fidelidade do original coreano

“Ki-woo: Ué, por que veio aqui?”

A interjeição “ué” indica um questionamento, trazendo sutileza e informalidade na fala.

“Min: Eu mandei mensagem, não viu? Desculpe, estavam comendo?”

Mantém a tradução

“Pai: Não, imagina.”

“Imagina” se popularizou como uma forma informal de resposta, se adequando à fala do pai com o Min.

“Min: Oi, Ki-jung. Está bem?”

Tem nuances mais informais que apenas “como vai?”, que aparenta menos pessoal.

“Ki-jung: Tô bem.”

Mantém a falta de questionamento sobre a outra parte do coreano, demonstrando informalidade e proximidade entre os dois em não precisar seguir as normas de polidez ao devolver a pergunta.

“Ki-woo: A gente podia se ver lá fora. Por que veio até aqui?”

Ainda que com o mesmo sentido, o uso do “a gente” e do “se ver” na intenção de conversar torna o diálogo mais informal, demonstrando proximidade entre as duas partes.

“Min: É que... isso aqui é pra você. É bem pesado.”

Mantém a informalidade.

“Pai: Sério? Coloque aqui.”

Mantém a tradução original.

“Ki-jung: Nossa, o que é?”

Mantém a tradução original.

“Min: Quando eu disse que iria ver o Ki-woo, meu avô insistiu que eu trouxesse isso”.

Mantém a tradução original.

### 4.3 Trecho 3: Segredo enterrado

#### 4.3.1 Dados da cena

Tempo: 01:07:49–01:08:07

Local: subsolo da casa dos Park

Personagens: Moon-kwang (hospedeira), Chung-sook (mãe)

Situação: Moon-kwang, a antiga governanta da família Park, mantém seu marido vivendo em segredo no subsolo da casa dos seus antigos empregadores. Em uma tentativa de rever seu marido depois de ser demitida do cargo, ela é descoberta por Chung-sook, a atual governanta dos Park. Moon-kwang suplica que Chung-sook a deixe permanecer escondida com seu marido.

#### 4.3.2 Versões do trecho

Coreano (transcrição):

(1) 문광: 걱정 마세요 청숙이 언니. 내가 집 앞 CCTV 좀 싹 똑

잘라냈거든. 나 여기 온 거 아무도 몰라요, 나 잘했지 언니

(2) 엄마: 아 씨발 말 끝마다 언니 언니 언제 봤다고..?

(3) 문광: 언니 저는 문광이라고 해요.

Inglês (Netflix Londres):

(1) Moon-kwang: “Don’t worry, Chung-sook. I cut the wire on the CCTV by the gate. Nobody knows I came. Isn’t that good, sister?”

(2) Chung-sook: “Don’t call me sis.”

(3) Moon-kwang: “Sis, my name is Moon-kwang.”

Português (Amazon Prime BR):

(1) Moon-kwang: “Não se preocupe, Chung-sook. Eu cortei o cabo da câmera do portão. Ninguém saberá que eu vim. Não é ótimo, irmã?”

(2) Chung-sook: “Não me chame de irmã!”

(3) Moon-kwang: “Irmã, meu nome é Moon-kwang.”

#### 4.3.3. Fundamentação teórica e análise sociolinguística

A primeira fala de Moon-kwang (1) revela o uso do registro *haeyo-che* junto ao uso da palavra “*ㄹ/ㄴ*” (“irmã mais velha”, “*unnie*”), um tratamento usado por mulheres para se referirem a mulheres mais velhas em relações informais, mas respeitosas e afetivas (Hong, 2009). Seu uso pressupõe proximidade entre os interlocutores ou desejo de construir proximidade. O uso repetido de *unnie* por Moon-kwang, apesar da rejeição de Chung-sook, indica uma tentativa de construir uma identidade relacional inferior, rebaixar-se, e desse modo estabelecer solidariedade ou simpatia de Chung-Sook.

A tensão resultante da desigualdade extrema nas posições de poder se apresenta e intensifica quando leva-se em conta os registros de polidez utilizados: enquanto Moon-kwang emprega o *haeyo-che* e *haera-che* como um indicativo de submissão e tentativa de proximidade (1), Chung-sook responde com *banmal* rude e agressivo, rejeitando as tentativas de proximidade e se esforçando para manter distância social (2). A frase traduzida ao pé da letra se aproxima de “Você tem que dizer “*unnie unnie*” no final de cada palavra? quando a gente se conheceu?”, além do uso do xingamento “*ㄴ/ㄹ*” (“*ssibal*”, “porra”, “merda”) - um marcador de raiva e desprezo, realizando o rebaixamento deliberado da interlocutora. (Hong, 2009).

Em (3) Moon-Kwang realiza mais uma tentativa de aproximação, mantendo o uso do *haeyo-che*, mesmo após ser desprezada por Chung-sook. O contraste entre as falas de ambas revela suas posições relativas de poder, prestígio e ameaça percebida.

#### 4.3.4. Análise da legenda em inglês

A tradução inglesa opta por "sister" e "sis" como correspondentes de "언니" ("unnie") (1 e 3), mas sem indicar adequadamente sua função sociocultural e de submissividade que possui nesse contexto (Hong, 2009). Além disso, a tradução neutraliza o desequilíbrio de poder, omitindo a deferência implícita no uso da linguagem polida e formas de tratamento.

Em (2) nenhuma parte da ofensa de Chung-sook é traduzido, sua irritação com o uso de "unnie" é reduzido a "Don't call me sis" - uma omissão relevante, pois remove marcadores explícitos de rejeição e violência verbal presente no xingamento "씨발" ("ssibal"). Essa versão não traduz a função da hierarquia e súplica, essenciais para o entendimento narrativo, podendo prejudicar o entendimento das nuances sociais pelo espectador.

#### 4.3.5. Análise da legenda em português

A versão brasileira segue estrutura próxima à inglesa, adotando "irmã" como tradução para "언니" ("unnie"), o que novamente falha em transmitir a nuance relacional e afetiva do termo coreano. Em português, "irmã" é uma forma literal, mas sem uso idiomático equivalente a "unnie" - carece de indexicalidade sociocultural, o que pode gerar estranhamento ou artificialidade.

Além disso, assim como no inglês, a linguagem agressiva e vocabulário vulgar de Chung-sook (2) também não são traduzidos, retirando grande parte do peso da agressividade e degradação contido no diálogo.

Nesta versão, a fala de Moon-kwang em (3) possui uma interpretação literária e factual, enquanto a versão original observa-se uma maior complexidade pragmática.

#### 4.3.6. Propostas de retradução

##### a) Inglês:

“Moon-kwang: *Don't worry, Chung-sook. I cut the CCTV cable at the gate. No one knows I came. I did good, right, friend?*”

O uso “*friend*” evidencia a tentativa de aproximação forçada. Mesmo não possuindo a equivalência léxica de “*unnie*”, a palavra convém melhor as intenções de desenvolver proximidade e ao mesmo tempo possui uma entrega mais natural no inglês.

“Chung-sook: *Friend? Have we met before?*”

Mantém o uso do “*friend*” no lugar de “*unnie*”. A frase “*Have we met before?*” possui entonação de chacota, assemelhando-se à intenção da versão original.

“Moon-kwang: *My friend, my name is Moon-kwang.*”

Mantém o uso do “*friend*”.

##### b) Português

“Moon-kwang: Fica tranquila, Chung-sook. Cortei o fio da câmera lá no portão. Ninguém sabe que eu vim. Fui esperta, né, amiga?”

A substituição de “irmã” por “amiga” cria uma maior naturalidade na versão em português. Na língua coreana “*unnie*” nem sempre é usado para irmãs, mas também para se referir a amigas próximas.

“Chung-sook: Amiga? Da onde eu te conheço?”

Aproxima-se do coreano “*언니 언니 언제 봤다고*”, que indica o questionamento: “por que você me chamaria de “*unnie*”? eu nem te conheço!” de forma debochada e desrespeitosa.

“Moon-kwang: Amiga, meu nome é Moon-kwang.”

Mantém o uso do “amiga”.

#### 4.4 Trecho 4: Charlatões

##### 4.4.1 Dados da cena

Tempo: 01:10:52–01:11:06

Local: subsolo da casa dos Park

Personagens: Moon-kwang, Ki-woo, Chung-sook, Mãe

Situação: Moon-kwang, antiga governanta da família Park, descobre que os novos funcionários da casa são integrantes da mesma família, deixando claro a cumplicidade nos eventos que levaram à demissão dos antigos funcionários, incluindo sua própria. Moon-kwang ainda recolhe provas em vídeo, se colocando em uma posição de poder superior, uma inversão drástica de onde se encontrava nos momentos anteriores.

##### 4.4.2 Versões do trecho

Coreano (transcrição):

- (1) 문광: *어쩐지 윤기사 갑자기 짤릴 때부터 이상하더라니. 야!*
- (2) 기우: *아주머니*
- (3) 문광: *이게 뭐*
- (4) 기우: *우리 얘기 좀 해요*
- (5) 문광: *일가족 사기당한 거 뭐 이런 거 있냐*
- (6) 엄마: *저기 동생*
- (7) 문광: *동생은 얼어 죽을 아가리 닥쳐 이 개 쌍년아.*

Inglês (Netflix Londres):

- (1) Moon-kwang: *I thought it was weird when the driver was sacked*
- (4) Ki-woo: *Lets talk things over*

(5) Moon-kwang: *What the hell? Are you some family of charlatans?*

(6) Chung-sook: *So, sis...*

(7) Moon-kwang: *Dont fucking call me sis, you filthy bitch!*

Português (Amazon Prime BR):

(1) Moon-kwang: “Eu achei bem estranho quando o motorista foi demitido.”

(4) Ki-woo: “Vamos esclarecer as coisas.”

(5) Moon-kwang: “O que é isso? São uma família de charlatães?”

(6) Chung-sook: “Então, irmã...”

(7) Moon-kwang: “Não sou sua irmã, porca safada.”

#### 4.4.3. *Fundamentação teórica e análise sociolinguística*

O uso da linguagem coreana neste trecho revela uma manipulação estratégica e significativa dos registros de fala e dos marcadores de polidez e hierarquia social. Moon-kwang inicia o discurso (1) com o uso de *banmal* agressivo, sem honoríficos ou marcadores de polidez. Sua fala que, anteriormente, era adornada com formas honoríficas e vocativos polidos, desprende-se de todos os métodos de polidez no momento que se encontra em uma posição de vantagem sobre a família Kim, impondo sua recém-adquirida posição de poder.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando Ki-woo utiliza o vocativo “*아주머니*” (“*ajumoni*”) (2), uma forma respeitosa, ainda que informal, de se dirigir a mulheres mais velhas e quando aplica o registro *haeyo-che* (4) na abordagem para iniciar uma tentativa de manutenção de deferência e reconhecimento da posição hierárquica de Moon-kwang.

Em contrapartida, Chung-sook emprega o termo “*동생*” (“*dongsaeng*”) “irmã mais nova” (6) como estratégia de mitigação e de inversão simbólica de hierarquia: um

marcador relacional com intenção de construir proximidade à interlocutora (Portner, Pak, Zanuttini, 2022).

A resposta de Moon-Kwang no trecho (7) carrega uma violência verbal deliberada: “동생은 얼어 죽을” representa repúdio do tratamento “동생” (“dongsaeng”), “아가리 닥쳐” (“agari dakcheo”) é um imperativo equivalente a “cale a boca” com forte carga pejorativa e o uso de palavra vulgar para “boca”, enquanto “개 쌍년” (“gae ssangnyeon”) é uma ofensa de gênero intensificada por marcadores de baixo calão, com implicações profundamente misóginas e desumanizantes.

#### 4.4.4. Análise da legenda em inglês

A versão traduzida das falas de Moon-Kwang não chegam a representar a forma intensa e ofensiva em que se expressa. (1), (3), (5), (7). Assim como não reflete a humildade e rebaixamento hierárquico-social nas súplicas da família Kim, na tentativa de salvar face (2), (4), (6).

Enfrentando o mesmo problema existente na tradução de “언니” (“*unnie*”), “동생” (“*dongsaeng*”) não funciona apenas como uma expressão de familiaridade similar a “*sis*”, mas como um marcador de hierarquia relacional (Hong, 2009).

Em (7) a tradução reduz a intensidade da violência verbal que a frase original carrega, escolhendo a versão reduzida de “*don't fucking call me sis*”. No que diz respeito à expressão “개 쌍년아” (“*gae ssangnyeona*”), o uso da tradução “*filthy bitch*”, embora tente representar a intensidade ofensiva do insulto, não transmite a violência linguística influenciada por gênero e classe, com intensificador através do prefixo “개” (“*gae*”), que adiciona uma outra camada de brutalidade verbal. Em inglês, a expressão “*filthy bitch*” também é ofensiva, mas carece do mesmo nível cultural e da carga de honorificação negativa presente na versão original.

#### 4.4.5. Análise da legenda em português

Na versão em português, as falas de Moon-Kwang (1), (3), (5), (7), não apresentam a mesma intensidade bruta e agressiva presente no estilo e construção das frases. Assim como na versão inglesa, as falas são amenizadas ao serem traduzidas na tentativa de manter sua equivalência funcional. Do mesmo modo, não percebe-se uma diferença na maneira em que a família Kim se rebaixa ao aplicar o uso de forma polida e termos de tratamento (2), (4), (6).

Nos trechos (6) e (7), o uso de “irmã” tenta reproduzir o significado relacional presente no uso de “동생” (“*dongsaeng*”). No entanto, em português, “irmã” tem um valor mais neutro e não conota hierarquia social, enfraquecendo seu impacto simbólico. Já a expressão no trecho (7) “porca safada”, utilizada como tradução de “개쌍년아” (“*gae ssangnyeona*”), revela uma tentativa de recriação do insulto, que por sua vez não chega a refletir a intensidade que o original carrega.

#### 4.4.6. Propostas de retradução

##### a) Inglês

“Moon-kwang: *I thought it was weird when the driver was sacked.*”

Mantém a tradução original.

“Ki-woo: *Lets talk things over*”

Mantém a tradução original.

“Moon-kwang: *What the fuck? Are you some family of charlatans?*”

Foi trocado o “*hell*” por “*fuck*” para passar o sentimento agressivo que é performado na fala original.

“Chung-sook: *So, my friend...*”

Manter o “*friend*” demonstra a tentativa de aproximação forçada.

“Moon-kwang: *Shut the fuck up, you filthy bitch!*”

A troca de “*don’t fucking call me sis*” por “*shut the fuck up*” é justificada ao analisar o original coreano, em que a frase mais se assemelha literal e pragmaticamente da segunda opção, ainda mantendo o tom ríspido, informal e extremamente rude.

b) Português:

“Moon-kwang: Eu achei bem estranho quando o motorista foi demitido.”

Mantém a tradução original.

“Ki-woo: Podemos esclarecer as coisas?”

A transformação da frase em pergunta indica polidez e tentativa de aceitação e aproximação.

“Moon-kwang: O que é isso? São uma família de charlatães?”

Mantém a tradução original.

“Chung-sook: Então, amiga...”

Mantém o uso do “amiga” como forma de aproximação forçada.

“Moon-kwang: Cala a porra da boca, sua cadela maldita.”

O uso do “cala a porra da boca”, se aproxima fielmente do original, com termos, intensidade e vocabulário semelhantes. “Cadela maldita” mantém o tom misógino da fala em coreano, o sentido animalesco inferiorizante e ofensivo proferido.

## 5 CONCLUSÃO

A análise do sistema honorífico no filme *Parasita* (2019), de Bong Joon-ho, evidencia que a linguagem coreana transcende seu papel como meio de comunicação para atuar como agente performativo e estruturador de identidades sociais, afetivas e ideológicas. Como demonstrado por Sohn (1999), a língua coreana apresenta níveis distintos de formalidade e honorificação que são reflexo direto da ordem sociocultural, a qual regula rigidamente as interações sociais segundo parâmetros de idade, status e posição hierárquica. Essa rede de codificação linguística torna o processo tradutório não apenas desafiador em termos técnicos, mas sobretudo culturalmente denso, requerendo, como propõe Nord (2007), um modelo funcionalista baseado na análise do texto-fonte e na determinação de seu skopos no contexto da cultura de chegada.

Nos quatro trechos analisados, observou-se que os diferentes estilos de fala — incluindo a alternância entre os níveis de formalidade e o uso de sufixos honoríficos, como “*shi*” (“*shi*”) e diferentes termos de tratamento — cumprem funções pragmáticas centrais na construção das relações entre as personagens. Nesse sentido, a linguagem marca não apenas as relações sociais e posicionamentos hierárquicos, mas também atitudes momentâneas e intencionais. Assim, a linguagem assume um papel performativo, cujas enunciações constroem e contestam identidades sociais (Brown; Levinson, 1987).

No caso de *Parasita*, cujo discurso narrativo é fortemente marcado por tensões de classe e hierarquia social, a invisibilização de marcadores linguísticos honoríficos compromete a densidade simbólica e política da obra, diminuindo seu potencial crítico.

A teoria da polidez proposta por Brown e Levinson (1987), fundamentada nos conceitos de face e estratégias de atenuação, é particularmente relevante para a compreensão da linguagem das personagens em *Parasita*. O uso deliberado de registros indiretos, eufemismos ou formais revelam-se como estratégias que reforçam os papéis sociais e a manutenção da harmonia hierárquica. Como argumenta Hatim e Mason (2005), a linguagem na tradução não é neutra: ela transmite ideologias e relações de poder. Ao converter expressões de cortesia e deferência do coreano para

o português e inglês, o tradutor precisa encontrar meios para compensar a perda semântica, como por meio da escolha de pronomes de tratamento adequados, vocativos formais ou construções sintáticas que expressem deferência. O uso dos vocativos como "언니" ("unnie"), "아주머니" ("ajumoni") e "아버지" ("abeoji") exemplificam o entrelaçamento entre afetividade, hierarquia e deferência. A simples tradução literal desses termos para "irmã", "senhora" ou "pai" revela-se insuficiente, pois negligencia suas funções relacionais, afetivas e de marcação de status. A ausência dessas compensações pode levar à perda do subtexto sociopragmático, conforme alerta Blum-Kulka e Olshtain (1984), ao analisar os padrões de realização de atos de fala entre culturas.

Ao aplicar o modelo funcionalista da Teoria do Skopos, formulado por Vermeer (2012), compreende-se que a tradução deve ser planejada de modo a cumprir uma função específica na cultura de chegada, levando em conta não apenas o conteúdo semântico, mas as convenções sociocomunicativas da língua-alvo. Isso implica um compromisso com a estética da alteridade (Venuti, 1995) e com o respeito aos sistemas de valores linguísticos que estruturam a narrativa original. Essa perspectiva reforça a concepção de que traduzir, nesse caso, é mediar culturas (Hatim; Mason, 2005), e não apenas verter unidades léxicas.

Ao final, compreende-se que a tradução audiovisual não é apenas um exercício de transferência interlinguística, mas uma prática discursiva que envolve decisões éticas, culturais e pragmáticas. Como apontam Blum-Kulka e Olshtain (1984), a transposição de atos de fala entre línguas distintas exige atenção redobrada à manutenção das intenções comunicativas e da cortesia linguística, sobretudo em culturas cuja estrutura hierárquica é codificada gramaticalmente, como no coreano (Sohn, 1999). Assim, o tradutor assume o papel de mediador intercultural, cujo trabalho não se limita à equivalência lexical, mas se estende à mediação das normas de interação social, das dinâmicas de deferência, e das expectativas de polidez e face (Brown; Levinson, 1987). É nesse gesto de escuta, análise e escolha estratégica que reside a responsabilidade do tradutor enquanto agente cultural: capaz não apenas de transpor línguas, mas de interpretar e negociar visões de mundo em contextos sociopragmáticos distintos.

## REFERÊNCIAS

- BLUM-KULKA, Shoshana. Indirectness and politeness in requests: same or different? *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 11, n. 2, p. 131–146, 1987.
- BLUM-KULKA, Shoshana; OLSHTAIN, Elite. Requests and apologies: A cross-cultural study of speech act realization patterns (CCSARP)1. *Applied linguistics*, v. 5, n. 3, p. 196–213, 1984.
- BROWN, Lucien. Expressive, social and gendered meanings of Korean honorifics. *Korean linguistics*, v. 17, n. 2, p. 242–266, 2015.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- FAVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia. Cortesia verbal e ensino de língua: reflexões sobre competência comunicativa, jogo interpessoal e normatividade, *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 101-129, 2015.
- FRASER, Bruce. Pragmatic markers. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 6, n. 1, p. 167–190, 1996.
- HATIM, Basil; MASON, Ian. *The translator as communicator*. Londres, Inglaterra: Routledge, 2005.
- HONG, Jin-Ok. *A discourse approach to Korean politeness: towards a culture-specific Confucian framework*. Nottingham: Nottingham Trent University, 2009.
- KANG, Hyeon-Sook. An analysis on politeness in Koreans' request realization. *Korean Journal of English Language and Linguistics*. Anyang: Anyang University v. 17, n. 1, p. 203–230, 2011.
- KU, Jeong Yoon. *Korean Honorifics: A Case Study Analysis of Korean Speech Levels in Naturally Occurring Conversations*, The Australian National University, 2014.
- LEE, Iksop; RAMSEY, S. Robert. *The Korean language*. Albany, NY, USA: State University of New York Press, 2001.
- LEECH, Geoffrey. *Principles of pragmatics*. Londres, Inglaterra: Longman, 1983.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; SOUZA, Sabrina Lima de. A teoria da polidez de Brown e Levinson aplicada ao português brasileiro: desafios e propostas. In: *Semana Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos (IX)*, 2007, São Gonçalo RJ, Anais 209 Sao Gonçalo RJ, 2007 Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.htm>
- MARTIN, Samuel E. *A reference grammar of Korean*. Clarendon, VT, USA: Tuttle Publishing, 1993.

NIDA, Eugene A. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill, 1964.

NORD, Christiane. *Translation as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997. Reimp. 2007.

OLIVEIRA, Taísa Peres de. *Polidez e linguagem: perspectivas*. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Alfa, São Paulo, 2004.

PORTNER, Paul; PAK, Miok; ZANUTTINI, Raffaella. *Dimensions of honorific meaning in Korean speech style particles*. *Glossa: a journal of general linguistics* 7(1). pp. 1–33, 2022.

PYM, Anthony. *Exploring translation theories*. 3. ed. Londres, Inglaterra: Routledge, 2023.

SOHN, Ho-min. *The Korean language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.

VERMEER, Hans J. *Skopos and commission in translational action*. Tradução de Andrew Chesterman. In: VENUTI, Lawrence (org.). *The translation studies reader*. 3. ed. New York: Routledge, p. 191-202, 2012.

YOON, Sang-Seok. *The Use of the Honorific Suffix -si- for Non-human Subjects: An Analysis of Talk-shows*. University of Iowa, United States, 2025